

# O CAPITAL E O TRABALHO

Existe uma tendência histórica geral para a internacionalização das economias. Os amigos do capital estrangeiro querem confundi-la com a história dos interesses que defendem.



Com um mapa das riquezas minerais brasileiras, preparado pela Associação Nacional dos Geólogos, os constituintes que votaram pela nacionalização das riquezas do sub-solo do país fazem a volta olímpica da vitória.

**A** Constituinte decidiu estabelecer uma distinção entre capital sob controle nacional e capital sob controle estrangeiro. Mas nisso tem a oposição unânime de todos os órgãos da grande imprensa do país.

O argumento principal contra a decisão é o de que, com ela, o país entra na contra-mão da história: o capital estaria cada vez mais internacionalizado; mesmo nações antes muito fechadas, como a China e a URSS, estão se abrindo; que sentido tem, então, uma lei que é um claro sinal de discriminação contra o capital internacional?

## Nem os trustes são eternos

Há muito a ser discutido na lei nova. Ela será ainda submetida a mais uma votação, quando todos os capítulos tiverem sido votados isoladamente e a Constituinte entrar na fase final. Um dos pilares do texto aprovado, além disso, é a exigência de um controle efetivo da empresa por nacionais, a fim de caracterizá-la como nacional e permitir-lhe o acesso a créditos e concorrências especiais. O que é controle efetivo? Evidentemente, isso deve incluir o controle da tecnologia e das decisões estratégicas da empresa. Mas só uma legislação complementar permitirá detalhar essa conceituação. Finalmente, a legislação aprovada permite classificar uma *joint-venture*, associação entre capitais nacionais e estrangeiros, como nacional, desde que a maioria seja do país. Mas, que maioria? Também essa parte não está definida. Lei complementar fixará as porcentagens de participação estrangeira a serem permitidas em áreas estratégicas especiais. Na da

informática, por exemplo, o grau de participação estrangeira atualmente permitido é de 70%, pelas regras atuais.

Alguns aspectos ainda obscuros, no entanto, não escondem o significado maior da nova diretriz que está sendo aprovada: é correto distinguir capital nacional do estrangeiro, para proteger a parte nacional.

É isso acertado, ou não?

Não, dizem os grandes órgãos de imprensa, e muitos altos executivos brasileiros e internacionais. Os tempos atuais recomendam abertura para o capital internacional, cuja ação em escala planetária vem modernizando o mundo - modernizando inclusive os países de economia planificada ou socialista. Progresso, modernidade é internacionalização.

De fato, vista na escala dos séculos em que se deve ver a história maior dos povos, a internacionalização é uma tendência ineludível e essencial. Recentemente, ao comentar uma importante atualização da história dos incas, o pensador mexicano Octávio Paz se perguntava porque esses povos centro-americanos, que se desenvolveram aproximadamente à mesma época dos gregos, não estimularam um processo semelhante ao da civilização greco-romana que dominou o ocidente e ainda hoje é a cultura hegemônica no nosso planeta. Paz concluiu que a causa essencial do processo histórico de certo modo repetitivo e circular dos incas teria sido a falta de relações maiores com outros povos. Teria sido, para usar termos do debate local, o fechamento, a xenofobia e o nacionalismo.

Essa tendência histórica mais geral e óbvia para a internacionalização no entanto, não pode ser confundida com um movimento abstrato, contínuo, linear. Quando falamos em internacionalização, os defensores do capital estrangeiro acabam tentando nos fazer crer que o processo de

evolução e integração da economia mundial se deu e se dará a partir da produção e da tecnologia desenvolvidas pelas grandes corporações multinacionais. E aí é que sua análise perde o sentido; porque, nesses termos, esse processo nunca existiu. As corporações hoje chamadas de multinacionais - e que antes do surto mundial de expansão recente do capitalismo eram conhecidas como trustes - são entidades históricas datadas e determinadas. Têm, como todos os entes históricos reais, um nascimento, uma evolução contraditória, por etapas, a partir de estruturas determinadas; e terão, necessariamente também, um fim.

## Duas Guerras e uma Depressão

Resumidamente a história concreta de formação de uma economia mundial começa a partir das sociedades escravocratas avançadas, como a grega, que levam aos impérios escravistas antigos. A etapa seguinte é a do colonialismo, a partir dos Estados nacionais desenvolvidos ao longo da Idade Média. E só chega à era dos trustes internacionais no final do século passado, quando - após um século - o capitalismo concorrencial é substituído pelo capitalismo. Não tem sentido, portanto, falar numa tendência geral da internacionalização do capital financeiro e dos monopólios.

Depois: mesmo na etapa atual de internacionalização através dos trustes ou multinacionais, a integração econômica mundial já se encontra numa etapa de transição em que o desenvolvimento do capitalismo acha-se contido pela expansão de um modo de produção novo, cada vez mais amplo: o das economias planificadas

inspiradas na Revolução Russa de 1917.

E, terceiro: mesmo o processo de evolução dos monopólios capitalistas não é linear. Entre o final do século passado quando eles surgiram, e esse fim de século que presenciamos, três acontecimentos essenciais e relacionados entre si - as duas grandes Guerras e a Depressão do início dos anos 30 - separam sua evolução em fases bem distintas. Quando se fala em um processo de internacionalização crescente das economias mundiais, sem referência a esse processo contraditório real, se faz apenas propaganda vazia.

Tinha sentido atacar os constituintes de 1934, que aprovaram medidas também nacionalizantes, dizendo que eles se contrapunham à roda da história? A internacionalização, como tendência histórica mais geral, continuava existindo nos anos 30. Mas aqueles anos foram, no entanto, anos de quebra do capital financeiro, de contenção de seu processo expansivo, de fechamento das economias nacionais. Não só o fechamento era tendência concreta daquelas décadas como, uma nova expansão só foi possível após o conflito que eliminou a pretensão nacional - socialista, do nazismo e que deu origem a algo novo, que foi a economia socialista.

## O Crash de 87 e o retorno ao real

Vendo o processo real, portanto, não o da ideologia dos grandes jornais, é possível dizer que o processo de internacionalização das economias mundiais não passa, hoje, por uma maior abertura da economia brasileira aos capitais monopolistas internacionais ainda hoje agrupados sob a hegemonia do dólar, americana. Porque essa hegemonia está visivelmente em crise,

em desarticulação. A economia que a suporta, após duas décadas de extraordinária expansão no pós-guerra, entrou em processo de estagnação e crise financeira aguda. Mesmo o surto capitalista que ela promoveu nas economias do Terceiro Mundo a partir de meados dos anos 60 não produziu nada de essencialmente novo, destinado a durar com qualquer força para renovar o movimento que os atingiu. Esse processo periférico já se deu sob o estigma de uma crise do dólar, explicitada de modo agudo em 1971, quando os americanos foram obrigados a negar os textos assinados em Bretton Woods e que os obrigavam a pagar em ouro os papéis que imprimiam como moeda internacional. Os cinco anos de expansão das Bolsas internacionais, de 1982 ao final do ano passado - que são vistos pelos privatistas como sinal de vigor da livre concorrência e do capitalismo multinacional - são exatamente o oposto disso, se vistos na sua história concreta, real. A Bolsa começa a subir naquele ano exatamente porque nele quebram os países do Terceiro Mundo. E o capital internacional, incapaz de sair do atoleiro da estagnação, rearticula os ativos financeiros que estavam vindo para cá e os joga em grandes operações de fusão e incorporação de empresas. Estas empurram os índices das ações nas Bolsas para cima de modo desenfreado. Mas, como são especulativas, parasitárias, desembocam no Crash de 87, que é o retorno ao processo real.

Os defensores do capital estrangeiro sonham com uma conjuntura como a do final da Segunda Guerra. A partir dali passaram a acumular forças pregando a economia de mercado e a aliança com os americanos para modernizar o país. Como se a história fosse se repetir.

Se se repetir, será como farsa, certamente.